

O OUTRO EXÍLIO DE EVA: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA E MULATA NOS CONTEXTOS DA POESIA NEGRA DO CARIBE

Prisca Agustoni
Universidade de Genebra

Nosso trabalho se propõe a analisar as representações da mulher negra e mulata nos poemas do movimento literário da chamada *poesia negra* que teve lugar na América Hispânica e no Caribe durante os anos 1920-40. Este trabalho é um resumo de dissertação de pós-graduação na área dos estudos de Gênero desenvolvida na Universidade de Genebra. Aachamos que o tema seja importante devido a sua atualidade. De fato, trabalhamos com um contexto histórico-social nascido na época colonial, cujas implicações permanecem gravadas na vida das pessoas, em particular das mulheres negras e mulatas, que freqüentemente vivem uma situação de “tripla exploração” resultante de sua classe social (pobre), seu gênero (feminino) e sua origem étnica (africana ou mestiça). Até nossos dias, o eixo principal das discussões sobre a identidade na América Latina deu uma grande importância aos aspectos relacionados à identidade nacional. A interrogação sobre a história da identidade americana foi uma constante na cultura do continente, em particular se pensamos na tradição do ensaio “americanista” iniciada a partir do século XIX, por ocasião dos levantamentos independentistas. Intelectuais como José Martí em Cuba, José Enrique Rodó no Uruguay ou Sarmiento na Argentina se debruçaram sobre o futuro do seu país, uma vez destituído o elo de dominação colonial espanhol. De fato, tratava-se de integrar ou assimilar a herança cultural hispânica e européia para definir uma identidade e uma representação da América que correspondessem à realidade americana com suas contradições, e não simplesmente às representações que a Europa construiu, pois, como dizia José Martí, “el problema de la independencia no era el cambio de las formas, sino más bien el cambio del espíritu”(1990:23).

Surgida com as mesmas preocupações e motivações, a poesia negra nasce ao início do século XX, em concomitância com as vanguardas européias e os movimentos sociais que reivindicaram um espaço igualitário para os distintos grupos sociais americanos, como é o caso da Harlem Renaissance, do indigenismo haítiano e do negrismo do Caribe. Os representantes mais importantes da poesia negra são o cubano Nicolás Guillén e o porto-riquenho Luis Palés Matos, porém, existem muitos poetas que seguiram a vertente negrista, como Adalberto Ortiz no Equador, Emilio Ballagas em Cuba, Manuel del Cabral na República Dominicana, etc. Na prosa, Alejo Carpentier é o expoente principal.

O elemento fundamental e inovador do movimento da poesia negra na época em que surgiu foi a valorização da identidade mestiça ou negra da população americana. O tema da deportação dos escravos africanos para trabalhar e construir o Novo Mundo foi integrado com o objetivo de favorecer uma tomada de consciência social e histórica e favorecer também a assunção duma identidade cultural mestiça.

Temos observado que, além da recuperação desses temas relativos à categoria étnica, a questão relativa ao gênero (ou a inter-relação entre gênero e etnia no que diz respeito à mulher negra) não foi levada em conta na construção do discurso de reivindicação dos poetas negristas. De fato, o movimento da poesia negra surge no panorama social onde a figura da mulher é quase universalmente assimilada ao objeto ou ao fetiche sexual. A este propósito, podemos lembrar que o imaginário do colonizador forjou um retrato das Américas como sendo um espaço paradisíaco, ocupado por plantas e bichos exóticos. Neste sentido, a mulher negra, mulata e indígena veio se superpondo a esta paisagem exótica, precisamente como o pavão que decorava o jardim dos latifúndios. Essa mesma imagem da mulher como pavão ou animal revela a relação de poder entre o senhor de escravos e a mulher mestiça que ocupava o espaço exterior da casa para o trabalho (o quintal) ou a cozinha, e que fora desse contexto de exploração, desempenhava a

função da mulher exótica cuja sedução era considerada demoníaca. De fato, a questão do corpo e do erotismo é central no nosso trabalho. Por isso, é preciso sublinhar que a sociedade dominante da época colonial aplicou uma subtil inversão na leitura do relacionamento entre os dois gêneros: de fato, o discurso erótico foi instrumentalizado em favor do comportamento masculino. Se analisamos a situação da mulher escrava ou ex-escrava, é impossível não reconhecer a o abuso sexual do qual ela foi vítima. Porém, o discurso dominante colonial erigiu o mito da mulata dotada dum atributo sexual irresistível. Seu corpo virou o lugar da mestiçagem moral e do pecado permitido. Pela exaltação sexual da escrava e pelo culto à sensualidade da mulata, o opressor (homem e colonizador) antecipou uma justificativa – em lugar de fornecer explicações – para seu comportamento no que diz a respeito às muitas mulheres conquistadas e logo abandonadas (freqüentemente no momento em que engravidavam).

Na literatura, em geral, a mulata sempre é a que seduz (do latim, SEDUCERE = tirar do caminho) e a relação erótica entre o homem e a mulher neste sistema se transforma em uma prática sacrificial e num exercício de poder, do qual os poetas da poesia negra não fogem. Deste modo a sociedade patriarcal não assumiu nenhuma responsabilidade com respeito à transformação da mulher escrava em objeto sexual. Esta observação segue a linha de pensamento de Simone de Beauvoir, quando, na introdução do *Deuxième Sexe*, lembra que é o homem quem inventou o “mito da Mulher, do Outro”, acusando-o de considerá-la apenas em razão “da sua função no mundo macho” (De Beauvoir, 1979:27). Seguindo essa lógica de pensamento, Roger Bastide afirmou que “a luta racial tomou o aspecto de uma oposição entre duas morais, ou entre a moralidade e a imoralidade” (Bastide apud Brookshaw, 1983:17). Do mesmo modo, podemos concluir que ao longo dos séculos XVI-XIX, o homem dominador recorria constantemente à

mulher mestiça, quer dizer, “à mulata cheia de sexo mas de cabeça vazia”¹, que também aparece nas quadras populares com a seguinte representação: “Preta bonita é veneno/Mata tudo o que é vivente/ Embriaga a criatura/ Tira a vergonha da gente/ Mulata é doce de coco/ Não se come sem canela/Camarada de bom gosto/ Não pode passar sem ela.”(Giacomini, 1988:67). Ou, como também neste verso de Nicolás Guillén : “tu vientre sabe más que tu cabeza”.

Essa breve amostra do contexto histórico-social no qual se insere a imagem da mulher negra e mestiça latinoamericana nos leva a considerar mais de perto a sua representação dentro da poesia negra, que, como dissemos, foi um movimento poético de vanguarda que se serviu das rupturas da linguagem para dar conta duma realidade em transformação. Com efeito, após os acontecimentos da Primeira Guerra mundial, os países europeus viveram um processo de retorno ao nacionalismo. Transposto ao contexto americano, isso se traduziu numa evidente divisão de tendências, quer dizer, por um lado um maior interesse pelas culturas responsáveis da transculturação americana, e por outro lado, uma tentativa de nacionalização da expressão artística. Dentro desse descobrimento do Outro (o negro, o mestiço, e sobretudo a mulher), motor de um renovamento cultural fortemente desejado, a mestiçagem vem a ser o novo paradigma nacional. Essa modalidade de experiência revela toda a sua complexidade no olhar surpreso do poeta que olha a natureza americana – e dentro dela, a mulher-nação - como se fosse pela primeira vez. Em particular, esse novo mundo é interpretado de acordo com os símbolos da música, da cor da pele, do sabor e da dança, repetindo uma associação típica desde a época colonial, como comenta o antropólogo cubano Fernando Ortiz: “A história de Cuba reside no fumo do seu tabaco e na doçura do seu açúcar, mas também no sandungueo da sua música [...] No tabaco, no açúcar e na música se encontram juntos brancos e negros no mesmo roteiro de

¹ De acordo com a expressão popular citada por Jean Lamore na introdução do livro de Cirilio Villaverde, *Cecilia Valdés o La Loma del Ángel*, Madrid, Cátedra, 1992.

criação, desde o século XVI até nossos dias. Branco, açúcar e violão; negro, tabaco e tambor. Hoje, sincretismo mulato, café com leite e bongó” (Ortiz apud Quintero-Rivera, 2000:60). Na poesia negra, as metáforas – que de acordo com Homi Bhabha permitem a proteção e a manifestação do discurso colonial – não invertem o padrão de representação da mulher negra ou mestiça, ao contrário, reforçam o culto à fecundidade feminina capaz de conter e cruzar, no interior do seu corpo, os elementos fundadores da “cor nacional”. Os intelectuais descobriram a riqueza da natureza, a beleza e a força do “novo mundo” e o transformaram em força cósmica que o homem tinha que fecundar para forjar uma nova civilização. Neste sentido, não surpreende que nos textos da poesia negra o entorno natural seja absorvido para dar conta do contexto americano e para naturalizar a mestiçagem. A mulher mulata entra nessa operação de naturalização dum emblema nacional concebido para responder a uma necessidade coletiva (a personagem Cecilia Valdés do romance cubano *Cecilia Valdés o la Loma del Ángel*, escrito em 1881 por Cirilio Villaverde antecipa de alguns anos essa identificação). O exemplo que segue revela a que ponto a mulher, a terra e a música estavam interligados na ótica dos poetas e intelectuais dos anos ’20: são uns versos do poema de José Alegria citados na obra de Quintero-Rivera (2000:65): “hay esquinces y contorsiones en las piernas de la mulata, en las notas del bongó y en los troncos de las palmas”. Com certeza, essa aproximação entre a mulher e a natureza selvagem evidencia outro paradigma de beleza feminina diferente do tradicionalmente reconhecido pela elite literária da época; se trata neste caso de elogiar a “nova mulher”, como revela o poema de Palés Matos: “Podrías lucir, esbelta/sobriedad de línea clásica/si tu sol, a fuerza de oro,/ no madurase tus ánforas/ dilatando sus contornos/ en amplitud de tinaja.// Pasarías ante el mundo/por civil y ciudadana,/ si tu axila – flor de sombra- / no difundiera en las plazas/ el rugiente cebollín/que sufríen tus entrañas” (Palés Matos, 1993:140).

Antonio Benítez Rojo fala à respeito da sensualidade dessa “nova mulher” americana em termos de “caráter revolucionário dessa sensualidade”, pela capacidade de transformar em desejo vital a subjugação através da qual o discurso repressivo da economia açucareira tem invadido a sociedade cubana e a população negra. Mesmo concordando com a sua posição, pensamos, de acordo com Mareia Quintero-Rivera (2000:67), que “a mulher mulata aparece na fronteira entre o *outro* incivil e os elementos representativos do *semelhante*, revelando assim o desejo de domesticar o *outro*”. Neste sentido, o ideal da nova sociedade foi construído sobre a base da exploração do gênero feminino e da sua imagem, a nova identidade sendo fundada e fecundada graças ao elogio à mulata, elogio que é profundamente ambíguo pois é desejo de dominação e de liberdade ao mesmo tempo.

Na poesia negra a metáfora mais freqüente é a da mulher-serpente, seguindo o sistema de representação de mulheres tentadoras e diabólicas, como Eva, Salomé e Cleópatra, mas são inúmeras as metáforas que a prendem no interior da natureza e do seu espaço (mato, lagoa, etc). Ela é um objeto sensual de consumo, representado sob a forma da natureza exuberante (muitas vezes, uma fruta tropical) dominada pela força da cultura associada à imagem do homem civilizador. Isso permite a construção social do tópico da mulher como sendo o gênero biologicamente relacionado à natureza, contrariamente ao gênero masculino, relacionado à cultura. Muito mais do que isso, é importante lembrar que o instrumento da escrita pertence ao homem, que organiza o mundo de acordo com a sua perspectiva, e que representa a mulher como uma figura protéica, cuja capacidade de metamorfose é limitada à vontade do detentor do discurso. A voz feminina dos poemas da poesia negra é sempre a voz que o homem lhe impõe, fazendo dela uma caricatura silenciosa que cumpre a performance da dança, como um autômato que leva sobre as costas a bandeira da nação.

Na poesia negra a pele da mulher é o “objeto fetiche” erótico, última barreira entre ela e a fixação erótica na linguagem masculina. Neste sentido, a pele se apresenta como o cenário das negociações entre o sujeito que contempla a mulher e a mulher contemplada. Esta negociação sugere uma relação na qual aparentemente a mulher se impõe sobre o observador, seduzindo-o com a própria pele e as promessas do prazer. Porém, a sedução também é uma propriedade do observador, pois este projeta sobre a mulher as próprias expectativas. Por conta disso, o modelo de sedução feminina corresponde à ansiedade do *voyeur*, que sabe ver o objeto do desejo mas não a mulher na sua condição de sujeito. Além disso, é bom lembrar que no sistema da escravidão, a pele e suas variações de tonalidade significavam muito mais do que um traço distintivo exterior. Além da diferença física, a pele denunciava a ambigüidade das relações étnicas e sociais, pois as inscrições gravadas sobre ela podiam explicitar o tipo de estatuto do seu portador, constituindo os signos duma linguagem ainda para se decifrar. A pele negra ou mestiça – palimpsesto da sociedade colonial - tornou-se uma espécie de pergaminho capaz de gravar um variado repertório de informações culturais.

Os autores da poesia negra retiraram desse pergaminho os elementos que lhes pareciam mais interessantes para falar da identidade do Caribe e da América Latina. Por conta disso, a pele da mulher negra e mulata teve uma função importante, pois encarnou as ambigüidades relativas às pulsões mais íntimas e vedadas pela sociedade dominante da época colonial. Vejamos esse fragmento de Manuel del Cabral, *Trópico suelo* (1957:76): “Negra que sin ropa, tienes lo de aquel/ que siendo secreto se quedó en tu piel”. A pele da mulher, que está no centro da problemática das reivindicações do movimento da poesia negra, representa uma revelação para os poetas, que a declamam, a cantam, e a dizem através de palavras até então vedadas. A nudez das mulheres representa um lugar para ser conquistado, simbolizando, como já as sinalamos, o espaço do não-racional, recompondo a relação segundo a qual a mulher-natureza-irracional é um

campo aberto para que o homem civilizado a explore. A inversão desse paradigma poderá ser possível somente mais tarde, quando a mulher mesma tomará a palavra para criticar os modelos estabelecidos pelo olhar masculino, sugerindo ela mesma novas relações com a natureza, com o seu corpo e com o gênero masculino. Será o caso, por exemplo, da poeta Nancy Morejón em Cuba, que a partir dos anos '80, recupera a voz da mulher negra desde uma perspectiva histórica e coletiva, onde o corpo negro não é apenas sinônimo de trabalho ou sensualidade.

Voltando à poesia negra, podemos concluir dizendo que a mulher ali representada está presa por uma segunda pele, que lhe foi imposta, mas que não lhe cai bem pois a desqualifica muito mais do que a própria pele: estamos falando da linguagem produzida pelo olhar masculino, um tecido fino que paradoxalmente cobre todo o corpo da mulher negra com uma nudez que faz desse mesmo corpo o lugar do erotismo e do excesso da natureza. Na poesia negra, o ato da escrita é o ato masculino por excelência; ora, sabemos que desde uma perspectiva filosófica, a produção dum logos é o que nos diferencia do animal, sendo assim o símbolo da vitória da cultura frente à natureza. Por outra parte, a perspectiva sociológica sublinha o fato de que possuir a capacidade de articular um discurso significa deter um instrumento de poder. Affonso Romano de Sant'Anna (1984:110) também se debruçou sobre o problema da escrita na representação literária do erotismo, afirmando que “a escrita é essa dança de significações que o poeta executa, agora revelando, agora provocando o erotismo que ele quer apresentar”. Neste sentido, a escrita é a pele que veste e desveste a mulher, de acordo com as pulsões do observador, de acordo com o que o poeta quer encenar.

Tratando-se de duas peles – linguagem e pele feminina de fato – temos a impressão de que as duas se misturam, se superpõem. Às vezes é a vontade de desvelar o jogo erótico (cantando a pele negra feminina) que dirige a construção do poema, outras vezes é a simples procura estética duma linguagem que possa se aproximar ao máximo da oralidade afro-americana. É evidente que

o eixo principal da questão se concentra ao redor da língua: os autores da poesia negra se expressam em espanhol, a língua dos que oprimiram uma das suas origens étnicas. Como reivindicar um discurso de oposição – “o sujeito se põe se opondo” dizia Simone de Beauvoir – sem apagar a origem lingüística do autor? Ou então, como aceitá-la sem aceitar também os seus “instrumentos conceituais”? Os poetas como Guillén, Ballagas e Palés Matos, entre outros, souberam achar a fórmula expressiva que desse conta da delicada questão ideológica, fórmula que Edouard Glissant chamou de “estratégia do desvio”: eles adaptaram a língua à uma estrutura ideológica heterogênea e mestiça, servindo-se da mesma maneira do espanhol como background lingüístico e da estrutura sintática da língua oral, graças às rupturas operadas pelas estratégias vanguardistas.

Mesmo que a poesia negra tenha aberto uma janela muito importante para a identificação de uma “negritude mestiça”, a situação da mulher permaneceu aquela que conhecíamos desde a época colonial, ou seja, a mulher que seduz, a mulher que trabalha na cozinha e a mulher-objeto. Desse modo, acreditamos que a poesia negra reiterou – até sem perceber – os velhos preconceitos de gênero e de raça. Conforme Simone de Beauvoir, o princípio da “igualdade na diferença” leva a uma “segregação mais ou menos igualitária que apenas serviu para introduzir as mais extremas segregações. [...] Quer se trate duma raça, duma casta, duma classe social, dum sexo reduzido à uma condição inferior, os processos de justificação são os mesmos”(De Beauvoir, 1979:32). É por isso que na poesia negra se instaura uma hierarquia relacional de dominação, onde sempre há alguém acima do sujeito feminino, como demonstram os seguintes versos de Palés Matos: “mientras el negrito cubano/ doma la mulata cerrera”(1993:87).

Concluindo, pensamos que muito ainda precisa ser dito a respeito da identidade da mulher negra ou mestiça, muito que a própria mulher vai assumir e nos explicar, já que na nossa opinião a poesia negra do Caribe dos anos 20 a 40 não esgotou as possibilidades de abordagem sobre a

representação da mulher negra ou mulata latino-americana. Ao contrário, julgamos que a seguinte opinião de Silviano Santiago (2000:26) serve para pensarmos a ação da mulher representada na poesia negra: “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade [e de exílio, se realiza a atuação da mulher negra e mestiça latino-americana]”.

Com esse trabalho pretendemos apenas propor uma releitura do corpus da poesia negra do Caribe enfocando a perspectiva do gênero e alertando para as possíveis contradições que esses importantes textos contém. Deixamos agora a palavra a quem poderá nos falar mais a respeito do encontro das categorias do gênero e etnicidade na escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- DE BEAUVOIR, Simone. *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard, 1976.
- DEL CABRAL, Manuel. *Antología clave (1930-1956)*. Buenos Aires: Losada, 1957.
- GUILLÉN, Nicolás. *Summa poética*. Madrid: Cátedra, 1990.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MARTI, José. *Nuestra América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990.
- PALÉS MATOS, Luis. *Tuntún de pasa y grifería*. San Juan: Ed. Universidad Puerto Rico, 1993.
- QUINTERO-RIVERA, Mareia. *A cor e o som da nação*. São Paulo: Annablume editora, 2000.
- SANT'ANNA, Affonso R. de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.